



Chrys Chrystello\*

## Só boas novidades

Já não era sem tempo, os CTT adaptam-se aos tempos modernos escolhendo um logótipo igual em vacuidade aos seus serviços, um logo vazio de simbolismo...

Os Açores segundo o jornal Correio dos Açores vão começar a criar a mais cara carne Wagyu.

Como a TAP foi proibida de voar para Caracas e acusada de um montão de coisas, Portugal veio reconhecer Nicolas Maduro como líder de facto daquele país, depois de, no ano passado, ter reconhecido o autoproclamado Guaidó... economia a quanto obrigas!!!

A APAV registou 358 processos de apoio a vítimas de crime em 2018 e desses a grande maioria é relativa a violência doméstica. Finalmente reconhece-se a existência de um cancro na nossa sociedade. Já não era sem tempo... falta agora fazer o mesmo para a pedofilia...

O novo barco do Triângulo, o Mestre Feijó, teve a sua primeira avaria poucos meses depois de ter entrado ao serviço, novinho em folha... esperemos que a rampa da popa seja reparada prontamente.

A Secretária Regional dos Transportes disse que não se esperam grandes males pela greve dos estivadores em Portugal, e aposto que se a coisa correr mal a culpa vai ser dos serviços mínimos. Entretanto virá aí mais um estudo sobre os transportes marítimos que tantos problemas causam às ilhas de menor população.

Alberto Souto de Miranda, secretário de Estado adjunto e das Comunicações, em defesa do aeroporto do Montijo, num artigo de opinião, escreveu que "os pássaros não são estúpidos e é provável que se adaptem", sustentando que "este postulado arriscado é tão cientificamente sólido como o seu contrário: o de que eles não vão encontrar outras rotas migratórias, outras paragens estalajadeiras, como no Mouchão. Ciência sem dados comprovados não é ciência". Já estou a ver os pássaros todos a dizerem 'vamos emigrar para o aeroporto de Beja que este do Montijo foi chão que deu uvas'... fico satisfeito com a cientificidade destes nossos governantes.

Mais perto, houve quem criticasse um estudo sobre as probabilidades do Covid19 (coronavírus) chegar aos Açores apresentado em artigo de opinião do Professor Félix Rodrigues e mais pessoas da área da Saúde, mas a crítica em nada adiantou apesar de todos estarem confiantes de que o país e os Açores estarem preparados para a doença...

Por último, falou-se de racismo a propósito do futebol e das injúrias a uma árbitra de patinagem nos Açores, mas apesar das horas gastas sobre o tema, sempre se ouvem as costumeiras vozes de que não há racistas. Uma sondagem da Eurosondagem em 2016 apurava que 16,4% eram abertamente racistas...mas quem não se lembra das anedotas de escola e dos ditos socialmente aceites há 50 anos: "não sou racista, tão depressa aperto a mão a um branco como o pescoço a um preto", "se não comes corto-te as tranças e dou-as aos ciganos"... "Os pretos da Guiné lavam a cara com café", "isso é trabalho de preto", "a coisa está preta", e tanta outra frase que nos habituaram a incorporar no nosso léxico, mesmo sem darmos conta da sua carga racista.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713 [Australian Journalists' Association - MEEA]



Norberto Aguiar\*

## Diário dos Açores A minha saudação

*"Ponho-me a pensar nos homens que há 150 anos puseram de pé esta obra. E imagino com que meios o fizeram? Os que vieram depois, no decorrer deste século e meio, continuaram a batalhar contra as muitas dificuldades em publicar o jornal..."*

Há 45 anos no Canadá – dia 2 de março p.f. –, reconheço que nem sempre segui a vida diária do vespertino, agora matutino, Diário dos Açores. Com mais frequência li o Correio, o jornal que aprendi a ler desde jovem adolescente, por chegar à minha freguesia através do Senhor Moniz, que depois de o ler, o punha à disposição dos clientes da sua mercearia. Eu era um dos jovens que lá ia, mesmo se o Senhor Moniz pouca ou nenhuma admiração tinha por mim... (História para contar em tempo de reforma...)

Depois, quando jogador do Clube Operário Desportivo (júnior e sénior) ainda mais razão tinha para o ler. Simplesmente porque era na prática o único jornal que se debruçava sobre o futebol da ilha...

Curiosamente, foi já no Canadá que tive a oportunidade de colaborar, pela primeira vez, com o Correio dos Açores, por intermédio do Amigo José Silva. «*Une affaire santaclarense, quoi*».

A primeira vez que tomei contacto direto com o Diário dos Açores, era seu diretor o Senhor Silva Jr., tio do José Silva. Não me lembro do ano. Mas sei que fui às suas instalações, ainda no primeiro andar da Rua da Cruz, para dar conta da carreira vitoriosa de Eddie Melo, um ribeirãoquense com enorme sucesso no difícil meio pugilista canadiano. Depois disso, *nient...*

Com a chegada de Osvaldo Cabral – o jornalista que melhor tratamento tem dado às comunidades açorianas emigradas! – à direção do renovado Diário dos Açores, logo eu me tornei seu assíduo leitor. Naturalmente que pela admiração que nutria (nutro) pelo jornalista e pelo Homem. Essa admiração tem a sua razão de ser, mas que fica para contar noutras circunstâncias.

Todo este arrazoado para chegar aos 150 anos do nosso Diário.

Com efeito, 150 anos de atividade jornalística, são muitos anos de grandes canseiras, mas também de muitas alegrias. Ponho-me a pensar nos homens que há 150 anos puseram de pé esta obra. E imagino com que meios o fizeram? Os que vieram depois, no decorrer deste século e meio, continuaram a batalhar contra as muitas dificuldades em publicar o jornal... Terão todos eles sequer pensado que 150 anos depois, o jornal ainda estaria aí para durar?

Sabemos que Osvaldo Cabral, seu atual diretor, embora use de meios nitidamente mais sofisticados do que todos os seus antecessores, continua na luta para levar de vencida a crise que perpassa pelos média tradicionais e que sopra algumas nuvens negras no horizonte.

Ontem como hoje, não é nada fácil publicar um jornal. E falamos por experiência própria após 23 anos à frente do LusoPresse. Daí, este desabafo em forma de Homenagem ao Osvaldo Cabral, mui digno diretor do mais que centenário Diário dos Açores, extensiva a toda a sua equipa.

Parabéns, Diário dos Açores! E que venham mais 150 anos!

\*Diretor do jornal LusoPresse. Montreal. Canadá